

LINGUASAGEM

COMO FUI PARAR NA LINGUÍSTICA E O QUE TIREI DISSO: TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS DE LABOV (1997)

Pablo Arantes¹
Renato Miguel Basso²
Gabriel Catani³

RESUMO

O presente trabalho é uma tradução comentada do texto do linguista William Labov intitulado *How I got into linguistics and what I got out of it*, apresentado pelo autor por meio do seguinte excerto: “Este é um ensaio que escrevi inicialmente em 1987 para uma publicação destinada a estudantes de graduação que continha diferentes respostas para a pergunta ‘Como você entrou no seu campo de trabalho?’ Recentemente [1997] eu voltei ao texto para responder à mesma questão, que recebi por email de estudantes de diversos lugares do mundo” (tradução nossa). Nossos comentários aparecem no corpo do texto, dentro de caixas, com o trecho correspondente no texto principal destacado em cinza, e informações de caráter mais pontual vão como nota de rodapé. O texto original não apresenta nenhuma nota.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística; Sociolinguística; Autobiografia acadêmica; William Labov.

ABSTRACT

This paper is a translation with commentary of a text by linguist William Labov entitled *How I got into linguistics and what I got out of it*, introduced by the author as follows: “The following is an essay I first wrote for a 1987 publication addressed to undergraduates, which contained various answers to the question, ‘How did you get into your chosen field of work?’ I recently [1997] revised it to answer the same question that I got in email messages from undergraduates in different parts of the world”. Our comments appear in the body of the text, inside boxes, with the corresponding passages in the main text highlighted in gray, while more specific or marginal information is provided in footnotes. The original text contains no footnotes.

KEYWORDS: Linguistics; Sociolinguistics; Academic Autobiography; William Labov.

* Original, em inglês, de William Labov (1997), *How I got into linguistics, and what I got out of it*. A versão que usamos como base para nossa tradução está disponível na página de Labov hospedada pela Universidade da Pensilvânia, disponível em <https://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/HowIgot.html>.

¹ Doutor (2010) e Bacharel (2003) em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Interesses de pesquisa principais: (1) descrição fonético-acústica detalhada de fenômenos linguísticos, especialmente os prosódicos, (2) desenvolvimento de ferramentas computacionais e estatísticas necessárias para a atividade descritiva e (3) aplicações de conhecimento linguístico para a fonética forense. Coordena o Laboratório de Fonética da UFSCar e lidera o grupo de pesquisa *Fonética UFSCar*. E-mail: pabloarantes@ufscar.br.

² Professor da Universidade Federal de São Carlos, doutor e mestre em Linguística pela Unicamp. Suas pesquisas se concentram na descrição de fenômenos linguísticos usando as ferramentas da semântica e pragmática formais. Pesquisa, principalmente, a semântica do verbo e dos indexicais, entre outros temas, e também tem interesse em linguística histórica e epistemologia da linguística. E-mail: rmbasso@ufscar.br.

³ Doutorando em Linguística pela UFSCar. Mestre e Bacharel em Linguística pela Unicamp. Tem se dedicado à aplicação da Sociofonética à área forense, desenvolvendo um protocolo de detecção e análise de clones vocais, conciliando teorias e métodos linguísticos aos avanços da computação. E-mail: scifarroba@catani.me.

Quando entrei na universidade pela primeira vez (isso foi em 1944, ainda durante a guerra⁴), passei um bom tempo tentando descobrir o que eu queria fazer e um tempo ainda maior me perguntando se conseguiria fazê-lo. Algumas pessoas dizem que aprendo rápido, mas achar as respostas me custou uns bons quinze anos. Se você já não é mais calouro e ainda não encontrou sua resposta, meu conselho é que você considere que nem sempre vale a pena se apressar para responder perguntas importantes. A garotada sentada em suas mesas com as mãos levantadas, muitas vezes não entende de verdade qual é a pergunta.

“O que é ter sucesso?”. Essa foi uma das perguntas que fiz para as pessoas nas primeiras entrevistas linguísticas que preparei. Uma pessoa me respondeu que era descobrir o que você quer fazer e achar alguém que pague você para fazer isso. Outra pessoa respondeu que é fazer limonada dos limões que a vida dá pra você. Eu gosto de ambas as maneiras de definir sucesso, mas normalmente eu vejo isso de outro jeito: se você chegou nos seus 70 anos⁵ e pode olhar pra trás sem sentir que você desperdiçou o seu tempo, então você teve sucesso. Pensando sobre como eu entrei para o campo da linguística e o que venho fazendo desde então, parece que tenho seguido essas três ideias ao mesmo tempo, de modo que, no fim das contas, talvez todas sejam a mesma coisa.

*No cenário dos estudos linguísticos dos Estados Unidos nesse período, ainda era bastante forte a presença das ideias associadas ao chamado estruturalismo americano, representada na obra *Language* (1933), de Leonard Bloomfield (1887-1949). As ideias de Edward Sapir (1884-1939) também eram muito influentes, assim como uma linguística de cunho indutivo, que considerava como umas das tarefas principais descrever as línguas nativas da América do Norte, buscando modelos teóricos explícitos e objetivos. Também nesse período podemos destacar a influência das ideias de Zellig Harris (1909-1992), que futuramente inspiraria, de diferentes maneiras, a linguística gerativa.*

Labov remete aqui a seus primeiros trabalhos nos quais elaborou e difundiu estratégias de entrevistas com sujeitos participantes que tinham por objetivo fazê-los focar no conteúdo do que estavam narrando e não na forma. Basicamente, ao focar-se no conteúdo, os sujeitos diminuem seu grau de monitoramento da fala, se expressando de maneira mais espontânea, mais próximo do que falavam no dia a dia, com pessoas de seu círculo social. Como o interesse da sociolinguística não é no conteúdo, mas sim na forma, essa estratégia se provou bastante bem sucedida, e até hoje não é incomum em entrevistas desse tipo que o pesquisador peça ao sujeito entrevistado que narrem algo que seja emocionante ou impactante (se já passou por alguma situação de risco, como um episódio marcante de sua vida etc.)

Eu nasci em Rutherford, no estado de Nova Jersey, uma cidade pequena que fica longe o suficiente de Nova Iorque para que eu não possa ser considerado um verdadeiro nova-iorquino⁶. Isso tem muito a ver com a minha relação com a língua inglesa. Eu pronuncio todos os erres finais sem pensar nisso e não tenho nenhum problema com a maneira como minhas vogais soam em palavras como *mad* e *more* [comentário na página seguinte]. Quando eu tinha doze anos, eu me mudei para Fort Lee, separado da metrópole apenas pela travessia da ponte George Washington. Isso me trouxe para dentro da área do

⁴ William David Labov, ou Bill Labov, nascido 4 de dezembro de 1927 e falecido em 17 de dezembro de 2024, faz referência aqui à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em 1944, ele tinha 17 anos.

⁵ Labov tinha 70 anos na época da publicação deste texto.

⁶ *New Yorker*, no original. Além de dizer respeito ao nascido na cidade de Nova Iorque, o termo também se refere a um conjunto de estereótipos associados à vida no local e a costumes particulares dos habitantes da cidade (c.f. Cody, 2005).

dialeto da cidade de Nova Iorque, onde as pessoas só pronunciavam seus erres se estiverem prestando atenção e não gostam da maneira como dizem *mad* e *more*. Em Nova Jersey, também não gostam de garotos sabichões vindos de Rutherford, e meus anos no ensino médio foram cheios de conflitos (brigas, que, em geral, eu perdia, e discussões, que, em geral, eu ganhava). Muitos desses personagens com quem convivi eram barra pesada e eu cresci acreditando que muitas das famílias tinham relações mais do que amigáveis com a máfia⁷. Mas as pessoas com as quais você tem mais conflitos são frequentemente as mais importantes para você – são seu grupo de referência⁸, como os sociólogos dizem – e todos éramos bons amigos quando nos encontramos mais tarde na vida.

Labov faz referência aqui a dois traços que caracterizam a variedade falada em Nova Iorque. O primeiro é que essa variedade é conhecida por não pronunciar o som que em outras variedades está associado ao 'r' em posição de fim de sílaba ou palavra. Variedades que não produzem o /r/ pós-vocálico são chamadas non-rhotic accents em inglês (expressão que comumente é traduzida para português por meio do calco variedade não rótica). Assim, a pronúncia de uma palavra como car pode ser transcrita como [ka:] em uma variedade não rótica. O segundo traço da variedade nova-iorquina aludido por Labov é o uso de um glide ou ditongo seguido da vogal central média em palavras como more, cuja pronúncia pode ser transcrita como [moʊə], em contraste com a pronúncia [mɔɪ], típica em outras variedades do inglês americano. Em palavras como mad, a pronúncia nova-iorquina da vogal /æ/ pode ser transcrita como [ɛə], fenômeno descrito como ingliding ou ditongação centralizante.

Mais ou menos nessa época, devo ter visto Leslie Howard interpretar Henry Higgins na versão para o cinema de *Pygmalion*⁹. Lembro dele encostado em uma coluna de pedra anotando cada som que saía da boca de Eliza Doolittle. Eu achei aquilo incrível: como ele conseguia fazer isso? Hoje sei que ele anotava apenas uma parte dos sons que interessava para ele. Foi muito mais fácil pra mim fazer esse tipo de coisa, vinte anos depois, quando eu estava fazendo trabalho de campo em Battersea Park e Chelsea, em Londres, porque eu tive a ajuda de um gravador¹⁰ ao invés de um lápis na minha mão.

⁷ Destaca-se a forte presença da máfia italiana na região de Nova Jersey, na ativa desde o começo do século XX. Sua forte presença em diversos segmentos teve impacto notável na cultura da região. Para mais informações, ver Deitch (2018).

⁸ O conceito de grupo de referência refere-se aos grupos sociais usados como padrão para autoavaliação ou orientação de comportamento. O sociólogo estadunidense Robert K. Merton (1910-2003) foi fundamental em sua formulação, destacando como indivíduos podem se guiar por normas de grupos aos quais não pertencem, influenciando atitudes, aspirações e identidade social (Merton; Rossi, 1968).

⁹ Referência ao filme *Pygmalion*, feito no Reino Unido em 1938, com base na peça homônima escrita pelo dramaturgo irlandês George Bernard Shaw em 1913. Na peça, Henry Higgins é um professor de fonética que transforma a florista Eliza Doolittle, ensinando-lhe a falar com o sotaque e a gramática da elite londrina. Shaw inspira-se no mito grego de Pigmalião, um escultor que se apaixona por uma estátua que ele mesmo esculpiu. Segundo o mito, Pigmalião cria uma estátua de mulher tão perfeita que acaba se apaixonando por ela. Comovida, a deusa Afrodite dá vida à estátua, que se torna sua esposa. Fonte: <https://www.imdb.com/pt/title/tt0030637/>.

¹⁰ Os primeiros gravadores de som a usar fitas magnéticas foram inventados nos anos 1930 na Alemanha. O lançamento de aparelhos que usavam fita cassete compacta a partir dos anos 1960 contribuíram para a adoção do equipamento de forma generalizada pelo público geral, inclusive por linguistas, que passaram a usar o equipamento para coleta e registro de fala. Labov pessoalmente usava diferentes versões do modelo de gravador de rolo NAGRA, fabricados pela companhia Kudelski (Labov; Sankoff, 2023).

Henry Higgins teve como modelo explícito Henry Sweet¹¹, o grande foneticista inglês, por quem passei a ter uma grande admiração: algumas das minhas próprias descobertas sobre os princípios gerais da mudança linguística são uma versão moderna do que Sweet sugeriu em 1888.

Eu nunca pensei em me tornar um linguista durante os meus quatro anos em Harvard, onde me graduei em inglês e filosofia e passei grande parte do tempo falando. Lembro-me de um encontro com o meu então tutor¹², professor John Wild, um filósofo que se interessava bastante pela Idade Média. Quando ele soube que eu estava fazendo uma disciplina de química (inorgânica), ele deu uma baforada em seu cachimbo, alisou sua calça de veludo e disse “Onde foi mesmo que você arrumou essa idolatria pela ciência?”.

Eu pensei bastante naquilo desde então. O professor Wild estava certo. Eu tinha mesmo uma idolatria naquela época e nunca a perdi. Mas como ele sabia se eu mesmo ainda não sabia?

Quando eu terminei a universidade eu pensei em ser escritor, assim como muitas outras pessoas que não sabiam exatamente o que queriam fazer. Eu perdi vários empregos em rápida sucessão: de escritor de sinopses para a Alfred Knopf¹³, de escritor de clichês para a *Drug Trade News*, de anotador do que as pessoas diziam em pesquisas de mercado. Mas depois de alguns anos, eu acabei me envolvendo em algo mais prático, usando o pouco conhecimento de química que eu tinha no laboratório de uma pequena empresa¹⁴. Eu fabricava tinta. Eu me especializei em fazer tintas para serigrafia em caixas de papelão, camisetas, garrafas e placas de circuito impresso. Eu era bom para combinar cores, levava jeito para pesquisar e gostava das pessoas que faziam a tinta. A gente almoçava junto, a gente discutia sobre quanto tempo se gasta para ir de Nova Iorque a Miami e sobre tudo mais que há no mundo. Trabalhando com impressores, operários e motoristas de caminhão, eu aprendi que havia no mundo muita gente que era boa no que fazia, mas que os vendedores ficavam com grande parte do dinheiro.

Eu também desenvolvi, a partir do meu trabalho na indústria, uma crença firme na existência do mundo real. Em trabalhos desse tipo, acontece com alguma frequência que você reveste uma chapa de metal com um esmalte e expõe a chapa ao sol. Se você volta depois de seis meses e

Essa passagem pode ser tomada como uma crítica às análises de cunho gerativista, que lidavam com a postulação de estruturas abstratas, considerando a língua como um objeto mental, e buscando dados de introspecção para avaliar se essas estruturas pertencem ou não à gramática de uma dada língua. Em contraste com essa abordagem, Labov propõe uma linguística indutivista que lida com dados efetivamente produzidos por falantes, e seu tratamento por meio de técnicas quantitativas.

¹¹ Henry Sweet (1845-1912) foi um filólogo e gramático inglês, especializado no estudo de línguas germânicas. Fez contribuições relevantes para a fonética, ajudando a aperfeiçoar técnicas de transcrição fonética e apresentando uma descrição da pronúncia culta de Londres, que posteriormente passaria a ser referida como *Received Pronunciation* (Sweet, 1890). Seu trabalho tinha um ênfase, inédita na época, na língua falada em contraposição à escrita. Para caracterizar este e outros autores, também nos baseamos em informações disponibilizadas em suas respectivas entradas na Wikipédia (em língua inglesa).

¹² *Freshman advisor*, no original. Figura responsável por situar/aconselhar os calouros no seu primeiro ano de faculdade.

¹³ Casa editorial norte-americana de literatura, sediada em Nova Iorque.

¹⁴ A empresa, chamada *Union Ink Company*, foi fundada pelo pai do autor, Benjamin Labov (Sankoff, comunicação pessoal).

o revestimento está rachado e descascando, você sabe que seis meses atrás você errou. Você pode não saber *porque* errou, mas pode estar certo de que uma parte do mundo real derrotou seu esforço de proteger a superfície do metal. Pode ser também que você se encontre na situação de estar entre os rolos de uma prensa gigante, com um vice-presidente dizendo que se a tinta não imprimir em quinze minutos, ele pode perder um negócio de dois milhões de dólares e você pode, por isso, perdê-lo como cliente. Se você conseguir fazer a prensa funcionar, você está certo, se você não conseguir, está errado.

Em 1961, eu deixei o mundo das tintas de impressão e entrei novamente no mundo acadêmico. Eu tinha descoberto que o mundo dos negócios era interessante e divertido, mas também angustiante e limitador. Existem restrições econômicas que impedem que você use todo o seu conhecimento e faça a melhor tinta de que você é capaz. Se você quiser ter uma vantagem sobre a competição, não dá para generalizar seu conhecimento e torná-lo público. Quando decidi voltar à universidade, eu pensava em fazer pesquisa sobre a língua inglesa. Pelo que eu tinha ouvido falar, o novo e pequeno campo da linguística parecia empolgante e formado principalmente por jovens com opiniões fortes, que passavam muito do

tempo discutindo uns com os outros. Quando descobri que eles tiravam grande parte dos seus dados da própria cabeça, eu pensei que poderia fazer melhor do que aquilo. Eu faria bom uso do que havia aprendido no ramo da indústria. Desenvolveria uma linguística empírica, baseada no que as pessoas realmente falam e testada por técnicas experimentais de laboratório. Embora eu não tivesse me dado conta disso naquele momento, eu

Uma leitura possível para essa passagem é que se trata de um comentário de Labov sobre chamados “dados de introspecção”, ou seja, sentenças ou estruturas elaboradas pelos próprios linguistas para testar, com base em sua intuição de falante nativo, se uma dada sentença ou estrutura é aceitável pela gramática de sua língua. O comentário de Labov, apesar de muito relevante e correta, deve ser avaliada com cuidado porque o recurso a dados de introspecção é também uma ferramenta indispensável para quaisquer abordagens linguísticas dedutivas que analisam estruturas cuja frequência ou presença em corpora é muito rara. Além disso, os dados de introspecção são a base do que é conhecido como “dado negativo” em linguística – estruturas que o analista elabora deliberadamente e que não pertencem a uma dada língua para testar uma hipótese sobre essa língua. Como o papel desses dados e da introspecção é testar hipóteses dedutivas, só é necessário o recurso a uma única (im)possibilidade do dado em análise para corroborar ou refutar hipóteses dessa natureza. Apesar dessa crítica ser explicitamente dirigida à linguística gerativa, atualmente ela deve ser pensada como tendo alvo quaisquer abordagens linguísticas dedutivas que levam em conta dados de introspecção, porém, a nosso ver, mais como um alerta do que como uma crítica que invalida de modo completo o uso do método.

estava trazendo para a linguística outros dois recursos que faltavam na universidade: a convicção de que pessoas da classe trabalhadora têm muito o que dizer e que há diferença entre estar certo ou estar errado a respeito de alguma coisa.

Eu achei o ambiente universitário atraente, empolgante e receptivo. Tive sorte, o chefe do departamento de linguística de Columbia¹⁵ era uma pessoa da minha idade, chamado Uriel Weinreich¹⁶. Ele era de uma nova geração de judeus seculares, um falante

¹⁵ Columbia University é uma tradicional universidade estadunidense, fundada em 1794 e localizada na cidade de Nova Iorque. (N.T.)

¹⁶ Uriel Weinreich (1926-1967) foi um linguista americano (nascido numa cidade polonesa que passou a ser da Lituânia desde 1945) cujas ideias em muito influenciaram pesquisas em sociolinguística, dialetologia, contato linguístico e linguística histórica, além de ter participado da criação dos termos *interlíngua* e de ter

nativo de ídiche oriundo de Vilna, que escapou da tomada russa da Lituânia porque seu presente de aniversário de treze anos foi uma viagem para uma conferência internacional de linguística em Copenhague (o ambiente escolar em Vilna era precoce!). Weinreich era o retrato perfeito de um intelectual: interessava-se pelas ideias de outras pessoas intensamente e transbordava honestidade intelectual, vigor e originalidade. Ele me protegeu de todas as maldades da academia. O nome de Weinreich sempre inspirava um olhar de respeito e admiração quando eu o mencionava em visitas a outras universidades quando fazia pós-graduação. Ele morreu de câncer repentinamente aos 39 anos. Olhando os papéis que deixou, anos depois, descobri que ele tinha escrito projetos de pesquisa que anteciparam muitas das coisas que eu gostaria de fazer. Por isso, até hoje, não sei quantas ideias eu mesmo trouxe para a linguística e quantas vêm de Weinreich. Eu gostaria de pensar que meus estudantes são tão sortudos quanto eu fui, mas não sou ingênuo a esse ponto.

Existiam (e ainda existem) duas ramificações na linguística. Uma trata da descrição das línguas como elas são no presente; a outra lida com sua história, como elas se tornaram o que são. Nos dois casos, eu vi que existiam problemas grandes a serem resolvidos caso a linguística quisesse entrar em contato com o que as pessoas falam. Linguistas querem descrever línguas como o inglês e o francês, mas os métodos que usam os colocam em contato com um número pequeno de indivíduos, na maior parte das vezes pessoas muito escolarizadas. Quando alguém questionava seus dados, eles respondiam “estou falando sobre o meu dialeto”. As teorias dominantes sustentavam que cada indivíduo tem um sistema diferente e eles não estavam conseguindo fazer progressos na descrição do

Na tradição dos estudos linguísticos feitos no Brasil, fortemente influenciado pela obra Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, publicada originalmente em 1916, essa distinção é conhecida como a dicotomia sincronia vs. diacronia. Apesar de bastante influente e importante em sua época, essa dicotomia sofreu várias críticas que apontam que num mesmo período convivem inovações, neologismos, a fala das pessoas mais jovens e mais velhos, forças de mudança linguística e de conservação, e isso levou alguns autores a proporem o conceito de pancronia, como é o caso sempre lembrado de Eugenio Coseriu, na obra Sincronia, diacronia e história, originalmente publicada em 1958 (Coseriu, 1979).

Labov aqui se refere a uma tensão sempre presente em estudos linguísticos que consideram dicotomias como língua e fala ou mesmo competência e desempenho, que tomam a língua como pertencendo, a uma só tempo, a um indivíduo e a uma comunidade. Em particular, na escola gerativa, como a língua é tomada, simplificada, como um objeto mental que cada indivíduo possui, faz mais sentido falar, por exemplo, em idioletos, e tomar o conceito de língua como algo mais político do que científico, e o estudo linguístico é, então, a investigação dessa capacidade mental. A crítica tem a ver, entre outras coisas, com o que se perde ou se deixa de ver ao considerar a língua como pertencente a uma comunidade de falantes, e o comportamento linguístico dos falantes de uma dada comunidade. Há fenômenos linguísticos que só podem ser vistos e analisados se levarmos em conta a comunidade de falantes e a língua sendo usada nessa comunidade. A crítica aqui, a nosso ver, é diretamente dirigida ao gerativismo que, com suas próprias razões e justificativas, não estudou a comunidade de falantes em seus primórdios.

desenvolvido as primeiras pesquisas sobre o tema e sobre a língua ídiche. Weinreich teve um papel fundamental na formação de Labov, entre outras coisas, como um dos autores da importante obra *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, de 1968, juntamente com Labov e Marvin Herzog (Weinreich; Labov; Herzog, 1968), que recebeu tradução para o português brasileiro (Weinreich; Labov; Herzog, 2012).

inglês e da comunidade que falava a língua. Ainda mais misterioso era o problema de explicar a mudança linguística. Se a língua é um sistema de transmissão de informação de uma pessoa para outra, seria melhor que ela se mantivesse parada. Como as pessoas conseguem se entender se a língua fica mudando?

O ponto levantado aqui por Labov tem a ver, basicamente, com entender como podemos usar um sistema que está em constante mudança para nos comunicarmos e mesmo assim nos entendermos. A chave para elucidar essa questão é conceber a língua como um sistema em variação, no qual formas antigas e estáveis convivem lado a lado com formas novas, em mudança, e os falantes se apropriam de ambas as possibilidades.

Minha primeira pesquisa aconteceu numa pequena ilha chamada Martha's Vineyard, ao lado de Cape Cod¹⁷. Meu amigo Murray Lerner¹⁸, o cineasta, me convidou a ir até lá. Notei nas pessoas de lá uma maneira peculiar de pronunciar palavras como *right*, *ice* e *sight*¹⁹, com a vogal no meio da boca, que era mais forte entre os jovens, mas variava bastante conforme a profissão, localidade ou origem do falante, se *yankee*, portuguesa ou indígena²⁰. Entrevistei pessoas em toda a ilha e encontrei entre elas alguns dos melhores usuários da língua inglesa que eu já havia conhecido.

A mudança sonora na fala em Martha's Vineyard, eu finalmente entendi, estava servindo como uma afirmação simbólica de pertencimento local: quem mais apresentava essa mudança eram aqueles que mais reivindicam esse pertencimento. Esse trabalho virou minha dissertação de mestrado²¹, e eu o apresentei em um evento da Linguistic Society of America. Na época, você se dirigia a praticamente todos os seus colegas de profissão quando se apresentava em um evento desse tipo. Eu tinha imaginado uma longa e difícil batalha pelas minhas ideias, na qual eu iria defender, com poucas chances de sucesso, a tese da influência de fatores sociais sobre a língua e conseguiria algum reconhecimento apenas tardiamente, já com os cabelos grisalhos. Mas minha imaginação romântica não durou muito – a plateia comprou minhas ideias!

¹⁷ Cape Cod é uma península no estado de Massachusetts, no nordeste dos EUA.

¹⁸ Murray Lerner (1927-2017) foi um cineasta e produtor estadunidense, conhecido por documentários musicais como *Festival!* (1967), sobre o Newport Folk Festival, no qual se apresentaram ícones da cena musical da contracultura americana da década de 1960, como Bob Dylan e Joan Baez, e *Message to Love* (1995), sobre o festival da Ilha de Wight, além do ganhador do Oscar *From Mao to Mozart* (1978). Sua obra mistura registro documental e experimentalismo, explorando a relação entre música e cultura. Lerner foi a pessoa que aconselhou Labov a usar gravadores NAGRA para seus registros de fala (Labov 2023). Fonte: <https://www.imdb.com/pt/name/nm0503635/>.

¹⁹ O traço notado por Labov é a pronúncia do primeiro elemento do ditongo /aɪ/ nessas palavras, que entre os nativos da ilha é produzido de maneira mais centralizada e pode ser transcrito foneticamente como [ɛɪ] ou [əɪ].

²⁰ No contexto da população local em Martha's Vineyard, essas categorias associadas à origem eram relevantes na vida social da ilha e correspondiam, respectivamente, a descendentes de três grupos: colonizadores oriundos das ilhas britânicas (Inglaterra, Escócia e Irlanda), descendentes de imigrantes portugueses que se estabeleceram no local a partir do século XIX, vindos de Portugal, Açores, Ilha da Madeira e Cabo Verde e o núcleo de população originária (povo Wampanoag).

²¹ O trabalho foi publicado na forma de artigo científico com o título “The Social Motivation of a Sound Change” (Labov, 1963).

Minha tese de doutorado²² foi uma investigação sobre as diferenças de classe social no dialeto da cidade de Nova Iorque, na qual eu introduzi uma série de novas técnicas de entrevista, técnicas quantitativas para medir a mudança e experimentos de campo para identificar exatamente quais eram os sons que despertavam a autorrejeição linguística dos nova-iorquinos. Essas técnicas foram usadas desde então para estudar centenas de outras cidades ao redor do mundo. Introduzimos o uso da fonética acústica no estudo da língua usada no cotidiano e a linguística começou o lento movimento de passar de uma ciência qualitativa para quantitativa.

A variação entre indivíduos e a variação ao longo do tempo, que pareciam tão caóticas e intrincadas, começavam a assumir formas sistemáticas, que poderiam ser descritas matematicamente.

No período em que fui professor em Columbia²³, eu apresentei um projeto de pesquisa para as autoridades educacionais para entender se o dialeto falado pelas crianças negras do Harlem²⁴

Um exemplo deste uso se apresenta na publicação oriunda de sua dissertação de 1963, intitulada A Motivação Social da Mudança Sonora (The Social Motivation of Sound Change), que, já no título, expõe a preocupação com questões de ordem fonética. Nesse trabalho, Labov analisa o grau de centralização de ditongos com auxílio de análises espectrográficas, típicas dos estudos fonéticos. Outra instância do uso de análises espectrográficas se encontra em Labov et al. (1972), onde os autores buscam entender os princípios gerais que governam a pronúncia vocálica na língua inglesa. A visão de Labov acerca do uso de métodos quantitativos para o estudo da língua em seu contexto social também se faz clara desde seus primeiros trabalhos: “A palavra importante aqui é quantitativo. Como falantes nativos e ingênuos de determinada região e geração, nós recebemos uma boa dose de informações qualitativas oriundas de distintas diferenças na fala de outrem. A tarefa do linguista é a de construir medidas quantitativas através das quais tais informações se tornem um meio preciso para a comparação e posterior manipulação abstrata” (1964, p. 1, tradução nossa).

tinha alguma relação com a dificuldade das escolas em ensinar essas crianças a ler. Esse projeto se tornou uma das aventuras intelectuais e sociais mais fascinantes da minha vida. Muito embora achássemos que nós entendíamos o que os falantes desse dialeto falavam, nós não compreendíamos o sistema por trás do que era dito. Com a ajuda dos colegas negros e brancos Paul Cohen, Clarence Robins e John Lewis²⁵, eu comecei um estudo detalhado dos grupos sociais do Centro-Sul do Harlem usando uma combinação de observação participante²⁶ e análise matemática que revelou, pela primeira vez, a variação interna que comanda o comportamento linguístico²⁷. Concluímos ao final que havia

²² O título da tese é *The Social Stratification of English in New York City* (Labov, 1966).

²³ Labov ocupou o cargo de *Assistant Professor* na *Columbia University* entre os anos 1964-1970.

²⁴ Bairro da cidade de Nova Iorque.

²⁵ Labov (1972) dá mais detalhes sobre o papel dos pesquisadores no projeto: “No nosso grupo, as competências se dividem entre pesquisadores brancos (Labov e Cohen), que são primariamente linguistas e externos à cultura vernácula, e pesquisadores negros (Robins e Lewis), que conhecem a cultura do centro empobrecido da cidade [*inner city*] como participantes plenos e compartilham um profundo conhecimento a esse respeito, mas permanecem relativamente estranhos à teoria linguística” (p. xiv, tradução nossa).

²⁶ Podemos entender observação participante como um método de pesquisa etnográfico em que o pesquisador se envolve ativamente no cotidiano do grupo estudado, observando e interagindo com seus membros para compreender práticas e significados culturais no contexto daquela comunidade. Para uma apresentação do tema, ver Angrosino (2009).

²⁷ O resultado desses estudos foi publicado em dois volumes com o título *A Study of the Non-standard English of Negro and Puerto Rican Speakers in New York City* (Labov, W. et al., 1968a, 1968b) e podem ser acessados em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED028423.pdf> (volume I) e <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED028424.pdf> (volume II).

diferenças entre os padrões de fala de negros e brancos, mas que a causa principal para o insucesso na aprendizagem da leitura era a desvalorização simbólica do *inglês vernacular afro-americano*²⁸, que é resultado do racismo institucionalizado da sociedade estadunidense e prediz o fracasso educacional dos seus falantes. Escrevi um artigo chamado *The Logic of Nonstandard English*²⁹, no qual fiz a defesa da língua de casa da comunidade negra como suporte plenamente adequado para o pensamento lógico e a aprendizagem. Esse artigo foi reproduzido centenas de vezes e a fala dos jovens negros que citei nele foi reproduzida um número ainda maior de vezes. No entanto, por mais espaço que tenhamos conquistado para essa posição teórica, a triste realidade é que os *Cobras* e os *Jets*³⁰ dos anos 1960 nunca se beneficiaram de nosso trabalho. Dez anos depois, soubemos que muitos deles haviam sido alvejados por balas, estavam na prisão ou mortos. Não entendemos ainda como aplicar nosso conhecimento ao ensino da leitura. A defasagem enorme no desempenho escolar das minorias continua a se expandir ano após ano e nós ainda não pagamos a dívida com a juventude que nos ajudou em nosso trabalho.

Em 1970, eu saí de Columbia e passei a trabalhar na Universidade da Pensilvânia³¹, principalmente porque o dialeto da cidade de Filadélfia era um laboratório ideal para o estudo de

Home language, no original. Labov utiliza o termo em diversas publicações, sempre promovendo a ideia de que essa seria a língua falada em casa, não apenas no sentido de ser a primeira língua dos sujeitos, mas também como uma língua caseira -- Labov (2012) sugere que a forma -in' na marca Dunkin' Donuts (ao invés do padrão -ing) é utilizada para retomar a ideia de comida caseira (em oposição a comida comercial). Ademais, o termo aparece costumeiramente em oposição à língua falada na escola, especialmente no caso de crianças afro-americanas (Labov, 1969, 1982, 2018, inter alia). Hollie et al. (2015) apresentam uma classificação semelhante: "a língua não-padrão utilizada por membros da família em casa e por outros na comunidade, em oposição à variedade cujas escolas esperam e instruem" (p. 583).

O compromisso ético com os falantes estudados é prática frequente dentre os sociolinguistas (Labov, 2020). Em seu percurso acadêmico, Labov demonstrou essa preocupação desde seus primeiros contatos com os adolescentes do Harlem, a quem dedicou o livro *Language in the Inner City* (1972). Em publicação decorrente de sua participação como testemunha em um caso da cidade de Ann Arbor, onde cidadãos processaram a cidade por falhar em ensinar crianças negras a ler, Labov (1982) formula o chamado Princípio do Débito Incorrido, que na sua versão mais 'ativa' diz: "Um investigador que obteve dados linguísticos de membros de uma determinada comunidade de fala tem a obrigação de usar os conhecimentos baseados nesses dados para o benefício da comunidade, quando a comunidade necessitar" (p. 173, tradução nossa). Labov também formula o que chamou de Princípio da Correção de Erros: "Um cientista que toma ciência de uma ideia disseminada ou prática social com consequências importantes, invalidada por seus próprios dados, é obrigado a chamar a atenção do maior número possível de pessoas para esse erro" (Labov, 1982, p. 172, tradução nossa). Ao leitor interessado por essa faceta do autor, recomenda-se sua conferência intitulada Justice as a Linguistic Matter (disponível em https://www.youtube.com/watch?v=cr5tyw8_gT0).

²⁸ *African American Vernacular English (AAVE)*, no original. Variedade do inglês associada a fala de afro-estadunidenses. Sobre o tópico, recomenda-se a leitura de Lanehart (2015).

²⁹ Labov (1970)

³⁰ Grupos de adolescentes do Harlem, também chamados de *clubes de rua* (*street-clubs*) estudados por Labov e colegas em diversos trabalhos (Labov et al. 1968a e 1968b; Labov 1972b; inter alia)

³¹ *University of Pennsylvania* é uma prestigiosa universidade estadunidense, fundada em 1740 e localizada na cidade de Filadélfia, no estado da Pensilvânia.

mudanças sonoras na língua inglesa: dois terços das vogais em Filadélfia estão envolvidas em um complexo jogo sonoro parecido com a dança das cadeiras. Aqui na Universidade da Pensilvânia juntou-se a mim a colega Gillian Sankoff³², que havia aprofundado o desenvolvimento de métodos para o estudo de mudanças sonoras em seu estudo da língua francesa falada em Montreal, no Canadá, e aberto novos terrenos de investigação no estudo do tok pisin³³, a então recém-formada língua nacional da Nova Guiné. Juntos, desenvolvemos o Laboratório de Linguística, um lugar para onde pessoas de muitos lugares foram para aprender a pesquisar a linguagem de uma maneira científica e baseada no uso real. Trabalhamos com um pé na universidade e outro na comunidade. No curso *O estudo da comunidade de fala*, os estudantes aprendem a cruzar a linha que separa a universidade do mundo ao seu redor. Eles fazem amigos nos bairros locais, coletam dados sobre a vida social e analisam o que observaram por meio de técnicas quantitativas.

Se essa abordagem empírica fosse a maneira dominante de fazer linguística, eu provavelmente não me lembraria da aventura acadêmica que me inspirou. Felizmente, esse não é o caso. Os linguistas continuam encantados por suas próprias ideias, ainda buscam respostas fazendo perguntas a si mesmos e a maioria tem medo de números. Mas a impressão geral no campo é que se você quer estudar como as pessoas de fato *usam* a língua e se você quer *mensurar* aquilo que estuda, você deve vir para a Universidade da Pensilvânia e trabalhar com Sankoff, Kroch, Prince e Labov³⁴. Temos um número crescente de estudantes que não têm medo nem de pessoas, nem de símbolos matemáticos³⁵. A tecnologia se torna mais estimulante o tempo todo. Derivamos equações que aumentam nosso entendimento a respeito de porque a língua está sempre mudando e

³² Gillian Sankoff (1943-) é muito conhecida por seus trabalhos em sociolinguística, com foco em variação, mudança e contato linguístico. Sua pesquisa abrange estudos sobre o francês de Montreal, pidgins e crioulos como o *tok pisin*, além da evolução da linguagem ao longo da vida dos indivíduos. Posteriormente, Sankoff casou-se com Labov, com quem seguiu trabalhando até sua morte em 2024, colaborando com o último livro do autor, *Conversations with Strangers* (Labov; Sankoff, 2023). Fonte: <https://www.ling.upenn.edu/~gillian/>.

³³ O tok pisin é uma língua crioula falada na Papua-Nova Guiné, originada do inglês e de línguas austronésias, usada amplamente como língua franca no país.

³⁴ Trata-se de um trecho que pode ser tomado como uma crítica à abordagem gerativa que, em princípio, não precisa considerar dados quantitativos justamente porque sua abordagem é dedutiva, e não indutiva, como a proposta laboviana. É uma crítica interessante, mas que, a nosso ver, deve ser tomada com cautela – como a abordagem gerativa se constrói de modo a não precisar lançar mão de análise quantitativas, ou mensurações, criticá-la justamente por não fazer isso é diferente de criticá-la por ser incoerente. Entendemos o comentário mais como um apelo ou convite para conhecer e participar de outra escola de pensamento e análise linguística, que é aquela feita, na época do texto, na Universidade de Pensilvânia. Labov menciona no parágrafo outros dois colegas do departamento de linguística da Universidade da Pensilvânia, além de Sankoff, sobre quem já comentamos, que são eminentes linguistas. Anthony (Tony) Kroch (1946-2021) é reconhecido por seu trabalho sobre mudança sintática, em especial a demonstração de que mudanças sintáticas acontecem a uma taxa constante ao longo do tempo. Foi pioneiro na constituição de corpora sintaticamente anotados e colaborou com linguistas computacionais. Buscou matematizar a linguística, promovendo rigor científico e avanços no estudo da interface sintaxe-semântica. Ellen Prince (1944-2010) notabilizou-se por seu pioneirismo na disciplina da pragmática linguística e é conhecida por sua tipologia de *status* informacional no discurso e pelo estudo das funções pragmáticas de construções sintáticas. Fez também contribuições fundamentais à teoria do centramento (*centering theory*). Fontes: <https://www.legacy.com/us/obituaries/nytimes/name/anthony-kroch-obituary?id=9477292&fhid=4609> e <https://www.ling.upenn.edu/people/in-memoriam>.

³⁵ Dentre os métodos de análise de dados utilizados na Sociolinguística Variacionista – vertente associada a Labov – destaca-se o uso de modelos e testes estatísticos. Em específico, o uso de regressões logísticas tem sido o recurso estatístico mais utilizado desde os anos 1970 (Grieve, 2012).

quem a faz mudar. Estamos vendo que nosso conhecimento sobre a diversidade dos falantes tem aplicações importantes para o reconhecimento automático da fala. Para que um computador seja capaz de entender a fala de um humano, ele precisa entender tanto a fala de Chicago quanto a de Nova Iorque. Conseguimos com sucesso mapear essa diversidade sonora por meio do Telsur, uma enquête telefônica que resultou no Atlas Fonológico da América do Norte³⁶.

Toda essa tecnologia pode nos fazer perder de vista as questões humanas que estão envolvidas no uso da língua. Do meu ponto de vista, isso significaria ganhar a partida, mas perder o campeonato. Eu passo grande parte do meu tempo no laboratório, no escritório ou em sala de aula. Mas o trabalho que eu gosto realmente de fazer, a animação e aventura de estar em campo, vem quando encontro os falantes da língua face a face, entro em suas casas, conversamos em esquinas, varandas de casas e em bares. Eu me lembro de uma vez em que um garoto de 14 anos em Albuquerque me disse “Deixa eu entender uma coisa. Seu trabalho é ir para qualquer lugar no mundo e falar com qualquer pessoa sobre qualquer assunto que você queira?”, eu respondi “Sim” e ele disse “Eu quero esse emprego!”.

Uma vez que você descubra o que quer fazer, é preciso convencer alguém a pagar você para fazer isso. Você pode defender sua proposta dizendo que se trata de pesquisa ‘teórica’ ou ‘básica’ e com isso conseguir os financiamentos de que precisa. Eu sempre senti que teorias só podem ser justificadas se elas se adequam aos fatos e que alguns fatos – aqueles que afetam as chances das pessoas na vida – são mais importantes do que outros. Quatro anos atrás, organizei outro grupo de pesquisa para retomar o problema das diferenças entre negros e brancos em Filadélfia e descobrimos que as diferenças que tínhamos observado no Harlem não tinham parado de crescer. Ao contrário, a língua doméstica dos negros e brancos está ficando cada vez mais diferente. Isso se tornou uma notícia de interesse nacional e os fatos que observamos salientaram o dilema apontado por Ted Hershberg³⁷, do *Penn Philadelphia Social History Project*³⁸: a crescente segregação racial nas cidades do norte do país está privando a comunidade negra de recursos básicos e isso ameaça criar um estado permanente de exclusão. Sociolinguistas observaram que isso é verdadeiro em todas as cidades do país: enquanto os dialetos da comunidade branca continuam a se desenvolver e a se diferenciar entre si, a comunidade

³⁶ *Atlas of North American English (ANAE)*, no original, é um estudo da variação fonética e fonológica do inglês nos EUA e Canadá. Iniciado nos anos 1990, foi desenvolvido por William Labov, Sharon Ash e Charles Boberg na Universidade da Pensilvânia para mapear e descrever sistematicamente os padrões dialetais do inglês norte-americano. Pode ser acessado em https://www.ling.upenn.edu/phono_atlas/home.html.

³⁷ Theodore Hershberg (1941-) foi professor de História e Políticas Públicas na Universidade da Pensilvânia. Também foi diretor do *Center for Greater Philadelphia* da mesma universidade e diretor do *Philadelphia Social History Project*. É conhecido por seu trabalho sobre reforma educacional e equidade escolar, cooperação regional e transformações urbanas induzidas pela industrialização na cidade de Filadélfia, no estado de Pensilvânia. Fonte: https://archives.upenn.edu/collections/finding-aid/upa6_13/.

³⁸ O *Philadelphia Social History Project (PSHP)* foi um projeto interdisciplinar iniciado nos anos 1970 e encerrado em 1985 para mapear e analisar mudanças sociais, demográficas e espaciais na cidade de Filadélfia entre os séculos XIX e XX, integrando dados censitários e cartográficos. Destacou-se por inovar na aplicação de métodos computacionais ao estudo da história urbana. Fontes: <https://philadelphiaencyclopedia.org/essays/philadelphia-social-history-project/> e <https://www.icpsr.umich.edu/web/ICPSR/series/229>.

negra das periferias mantém-se à distância desse processo e desenvolveu uma gramática nacionalmente uniforme que se afasta mais e mais daquela dos dialetos brancos ao redor.

Neste ano, a renovada polêmica em torno do inglês afro-americano emergiu na **controvérsia em torno do ebonics**. Quando os ânimos se acalmaram, ficou claro que a comunidade afro-americana de Oakland³⁹ como um todo havia decidido finalmente parar de culpar as crianças pelo insucesso do sistema escolar e trabalhar para aperfeiçoar os métodos de ensino pela aplicação do conhecimento da língua que as crianças efetivamente falam. Após trinta anos de esforço, agora existe uma possibilidade clara de que o conhecimento que

construímos sobre o assunto seja colocado em prática, e aqui na Universidade da Pensilvânia nós estamos novamente fazendo o que podemos nesse sentido.

Em 1987, eu tive outra oportunidade de colocar à prova a **utilidade da linguística**, dessa vez em um assunto que era vital para uma pessoa individual. Ligações com ameaças de bomba foram feitas para o guichê da companhia aérea *Pan American* no aeroporto de Los Angeles. Paul Prinzivalli, que trabalhava como carregador de bagagens na companhia e era considerado por seus chefes um *empregado insatisfeito*, foi acusado do

A controvérsia teve início com uma resolução advinda da Secretaria de Educação de Oakland, California, no final de 1996 (Oakland School Board, 1997). Na tentativa de mitigar problemas educacionais afetando estudantes afro-americanos, o órgão optou por reconhecer o Ebonics (palavra formada pela aglutinação das palavras inglesas ebony – ébano, um tipo de madeira escura – e phonics), caracterizado como Língua Afro-Americana, como língua primária desses jovens. No entanto, de acordo com Rickford (1999), a visão corrente na mídia era de que o Ebonics não passava de fala de preguiçosos ou de um conjunto de gírias de rua que passariam a ser ensinadas e promovidas no ambiente escolar, a despeito da língua inglesa. Rickford destaca que, em certos casos, o alvo das ofensas deixava de ser a variedade linguística, tornando-se explicitamente ataques aos seus falantes. Diante das pressões externas, a Secretaria retificou sua proposta inicial, tornando-a mais branda e evitando o uso do termo Ebonics (Messier, 2012). O leitor interessado pode encontrar uma série de textos disponibilizados por Rickford em <https://web.stanford.edu/~rickford/ebonics/>.

Labov descreve aqui uma situação na qual o uso do seu conhecimento linguístico especializado foi usado como elemento probatório no contexto de um caso judicial. O uso forense desse tipo de conhecimento, mais especificamente fonético e fonológico no caso descrito por Labov, é uma aplicação prática da linguística, que recebe o nome de fonética forense. Usando a terminologia mais corrente na área, podemos dizer que Labov traçou um perfil linguístico dos falantes envolvidos no caso, o falante de identidade desconhecida que fez as ligações ameaçadoras, e Prinzivalli, o suspeito. Com base em aspectos do sistema vocálico usado pelos dois, concluiu se trataram de falantes de duas variedades distintas. Complementando a análise de perfil, Labov conduziu análises acústicas nas vogais das palavras bomb e off que apareciam na gravação e na fala do suspeito. Sua análise mostrou que Prinzivalli, que ele classificou como um falante típico da variedade nova-iorquina, distingue as vogais nessas duas palavras, respectivamente [ɒ] e [ɔ], diferentemente do falante na ligação, classificado como um representante típico da variedade falada em Boston, que não faz mais essa distinção (a perda dessa distinção é referida na literatura linguística como fusão vocálica posterior baixa (low back merger, em inglês) ou fusão cot-caught (cot-caught merger, em inglês). Uma análise como essa é chamada de comparação de locutor no jargão da fonética forense. Labov (2020) dá mais detalhes sobre as análises acústicas das vogais feitas por ele no caso Prinzivalli. O leitor interessado por consultar Eriksson (2014) para uma apresentação introdutória e acessível do campo da fonética forense.

³⁹ Cidade da Califórnia, localizada na região da Baía de São Francisco.

crime e depois preso. O indício usado para a acusação era a semelhança entre sua voz e a que aparecia nas gravações em que as ameaças eram feitas. A defesa de Prinzivalli me mandou as gravações porque ele era de Nova Iorque, e os advogados pensaram que eu seria capaz de diferenciar dois tipos diferentes de sotaque da cidade. No momento em que escutei as gravações, eu tive certeza de que Prinzivalli era inocente. O homem que fez as ligações com ameaças de bomba simplesmente não era alguém de Nova Iorque, mas da área de Boston, no leste da Nova Inglaterra. O problema era como mostrar isso no tribunal, para um juiz da costa oeste, que não conseguia ouvir a diferença entre a fala de Boston e Nova Iorque.

Todo o trabalho e toda a teoria que eu havia desenvolvido desde o estudo sobre Martha's Vineyard entrou no testemunho que fiz no tribunal para estabelecer que Paul Prinzivalli não tinha feito nem poderia fazer aquelas ligações com ameaças de bomba. Era quase como se toda a minha carreira tivesse sido moldada para que eu pudesse dar o testemunho mais efetivo nesse caso particular. No dia seguinte à minha fala, o juiz perguntou ao promotor se ele gostaria de prosseguir com o caso. Ele se recusou a ouvir mais declarações feitas pela defesa e declarou o acusado inocente com base nos indícios linguísticos, que ele classificou como 'objetivos' e 'convincentes'.

Tempos depois, recebi um cartão de Prinzivalli no qual ele dizia que havia passado quinze meses na prisão esperando que alguém enxergasse a diferença entre fato e ficção. Estive diante de muitos resultados científicos nos quais as evidências eram tão fortes que senti que havia tocado na realidade abaixo da superfície. Mas nada poderia ser mais satisfatório para qualquer carreira científica do que enxergar a diferença entre fato e ficção nesse caso. Por intermédio de evidências linguísticas, um homem pôde ser posto em liberdade e outro pôde dormir com a consciência tranquila pela convicção de ter tomado uma decisão justa.

AGRADECIMENTOS

Os tradutores gostariam de agradecer a Gillian Sankoff, que permitiu a tradução para o português e gentilmente fez comentários à tradução e às notas de leitura. Também agradecemos aos comentários feitos pelos dois pareceristas anônimos.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

NB: Uma versão ligeiramente modificada do texto de 1997 foi publicada recentemente (Labov, 2024) com um título novo *What I got out of linguistics, and what I gave back*, que destaca a visão de Labov sobre a importância do papel social do linguista como agente promotor de justiça social. Preferimos usar como base para a tradução o texto de 1997 porque é a versão que está em domínio público e a nova versão não traz nenhuma mudança substancial em relação à anterior.

- CODY, C. “Only in New York”: The New York City Personal Experience Narrative. **Journal of Folklore Research**, [s. l.], v. 42, n. 2, p. 217–244, 2005.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**. São Paulo: Editora da USP, 1979. (Coleção Linguagem, v. 12).
- DEITCHE, S. M. **Garden State gangland: the rise of the mob in New Jersey**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2018.
- ERIKSSON, A. Tutorial sobre Fonética Forense. **ReVEL**, [s. l.], v. 12, n. 23, p. 297–322, 2014.
- GRIEVE, J. Sociolinguistics: quantitative methods. In: CHAPELLE, C. (org.). **The encyclopedia of applied linguistics**. [s. l.]: Wiley-Blackwell, 2012.
- HOLLIE, S.; BUTLER, T.; GILLENWATERS, J. Balancing Pedagogy with Theory: The Infusion of African American Language Research into Everyday Pre-K–12 Teaching Practices. In: LANEHART, S. (org.). **The Oxford Handbook of African American Language**. [s. l.]: Oxford University Press, 2015.
- LABOV, W. The Social Motivation of a Sound Change. **WORD**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 273–309, 1963.
- LABOV, W. Phonological correlates of social stratification. **American Anthropologist**, [s. l.], v. 66, n. 6, p. 164–176, 1964.
- LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. 1966. Tese (Doutorado) - Center for Applied Linguistics, Washington, DC, 1966.
- LABOV, W. *et al.* **A study of the non-standard English of Negro and Puerto Rican speakers in New York City. Vol. I: Phonological and grammatical analysis**. New York: Columbia University, 1968a.
- LABOV, W. *et al.* **A study of the non-standard English of Negro and Puerto Rican speakers in New York City. Vol. II: The use of language in the speech community**. New York: Columbia University, 1968b.
- LABOV, W. **A Study of Non-Standard English**. Washington, DC: ERIC Clearinghouse for Linguistics, 1969.
- LABOV, W. The Logic of Nonstandard English. In: WILLIAMS, FREDERICK (org.). **Language and Poverty: Perspectives on a Theme**. Chicago, IL: Markham Publishing Company, 1970. p. 153–189.
- LABOV, W. **Language in the inner city: Studies in the Black English vernacular**. [s. l.]: University of Pennsylvania Press, 1972. (v. 3).
- LABOV, W. Objectivity and commitment in linguistic science: The case of the Black English trial in Ann Arbor. **Language in society**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 165–201, 1982.
- LABOV, W. **The Politics of Language Change: Dialect Divergence in America**. Charlottesville: University of Virginia Press, 2012.

LABOV, W. A materialist response. **Language in Society**, [s. l.], v. 47, n. 3, p. 347–350, 2018.

LABOV, W. Sociolinguistic Analysis and Social Justice. **Remarks by William Labov in response to the award of the Talcott Parsons Prize by the AAAS**, [s. l.], 2020. Disponível em: <http://languagelog ldc.upenn.edu/myl/LabovAAAS.pdf>. Acesso em: 30/10/2025.

LABOV, W. What I got out of linguistics, and what I gave back. In: TANKOSIĆ, Ana; MILAK, Eldin (Orgs.). **Becoming a Linguist: Advice from Key Thinkers in Language Studies**. 1. ed. London: Routledge, 2024. p. 18–25.

LABOV, W.; SANKOFF, G. **Conversations with Strangers**. 1. ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2023.

LANEHART, S. (org.). **The Oxford Handbook of African American Language**. [s. l.]: Oxford University Press, 2015.

MERTON, R. K.; ROSSI, A. S. Contributions to the Theory of Reference Group Behavior. In: MERTON, R. K. (org.). **Social Theory and Social Structure**. New York: Free Press, 1968. p. 279–334.

MESSIER, J. Ebonics, the Oakland resolution, and using non-standard dialects in the classroom. **The English Languages: History, Diaspora, Culture**, [s. l.], v. 3, 2012.

OAKLAND, S. B. Text of the Oakland School Board Resolution on Ebonics. **The Black Scholar**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 4–4, 1997.

RICKFORD, J. R. The Ebonics controversy in my backyard: a sociolinguist's experiences and reflections. **Journal of Sociolinguistics**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 267–266, 1999.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. 1. ed. Lausanne: Payot, 1916.

SWEET, H. **A Primer of Spoken English**. Oxford, UK: Clarendon Press, 1890.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Empirical foundations for a theory of language change**. Austin: University of Texas Press, 1968.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2006.

Como referenciar este trabalho:

ARANTES, Pablo; BASSO, Renato Miguel; CATANI, Gabriel. Como fui parar na Linguística e o que tirei disso: tradução e comentários de Labov (1997). **revista Linguasagem**, São Carlos, v.49, n.1, p. 177-191, 2025.